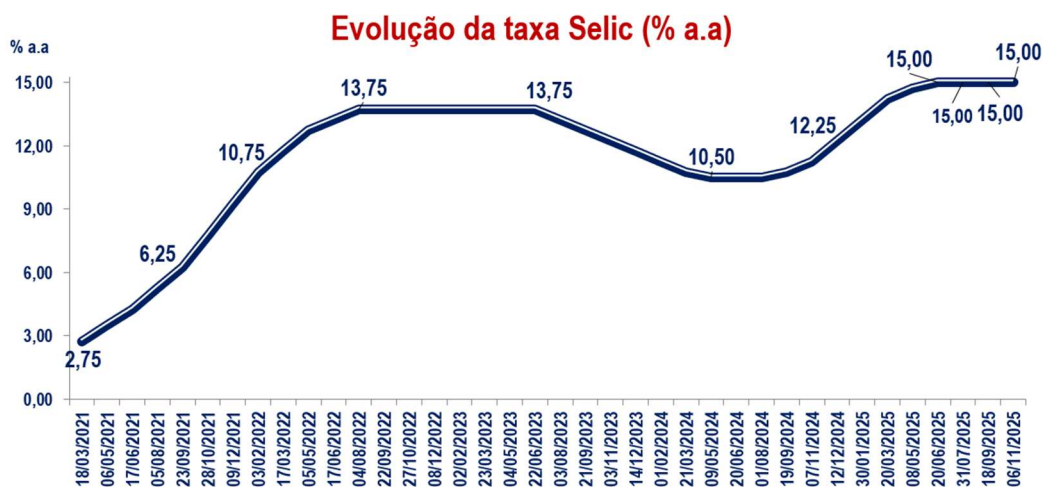
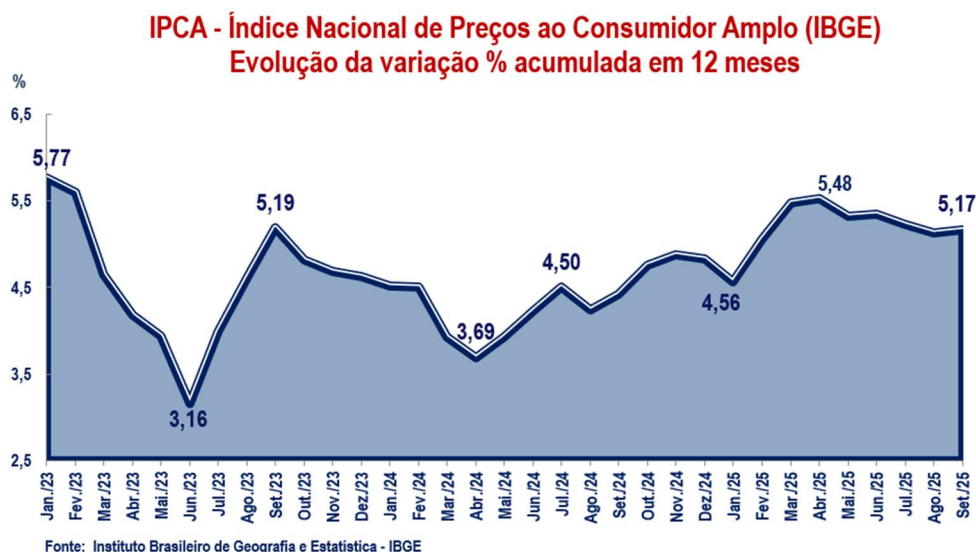


Copom mantém Selic no maior patamar em quase 20 anos

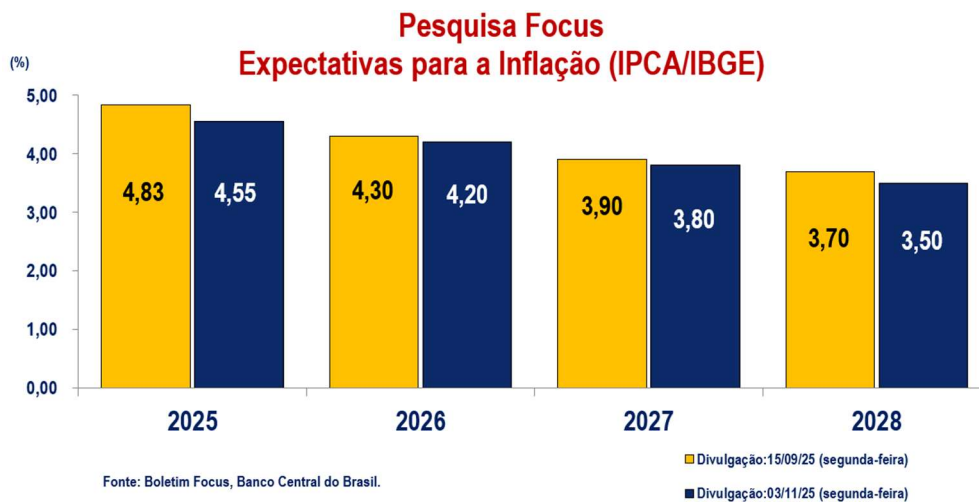
O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), conforme já era amplamente aguardado pelo mercado financeiro, manteve, pela terceira vez consecutiva, a taxa Selic em 15% ao ano (a.a.), o que corresponde ao seu maior patamar em quase 20 anos. A expectativa é que a Selic se mantenha nesse nível também na próxima reunião do colegiado, que acontecerá nos dias 09 e 10 de dezembro. Assim, o tão aguardado ciclo de queda dos juros poderá ter início somente a partir de meados de 2026.



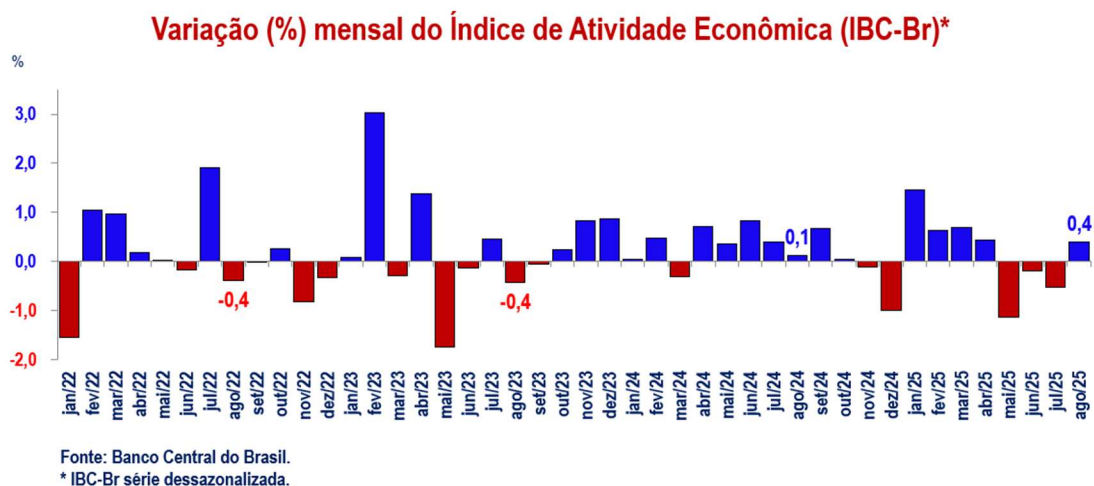
O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que é calculado e divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e considerado o indicador oficial da inflação, acumulou, nos últimos 12 meses encerrados em outubro/25, alta de 5,17%, o que evidencia que o País continua descumprindo a meta da inflação que é de 3,0%, mas com teto de 4,5%.



A Pesquisa Focus, que é realizada semanalmente pelo Banco Central, com analistas do mercado financeiro, demonstra melhora nas projeções para a inflação. No levantamento divulgado no dia 15 de setembro/25 (véspera da reunião do Copom que aconteceu nos dias 16 e 17 de setembro/25), a expectativa era que o IPCA encerrasse 2025 com alta de 4,83%. Já a pesquisa divulgada no dia 03 novembro/25 passou a projetar alta para esse indicador de 4,55%, resultado mais próximo do teto da meta (4,5%). As projeções para a inflação em 2026 (4,20%), 2027 (3,80%) e 2028 (3,50%) também melhoram em relação a penúltima reunião do Copom.



O Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) calculado e divulgado pelo Banco Central, que é considerado uma prévia do PIB do País, cresceu 0,4% em agosto em relação ao mês anterior. Essa alta interrompeu uma sequência de três resultados negativos (maio, junho e julho), mas ficou abaixo do que era aguardado pelos analistas de mercado (entre 0,7% e 1,1%). Apesar da leve alta observada em agosto/25, os resultados obtidos a partir de maio demonstram que a economia nacional está vivenciando um processo de desaceleração gradual.



De uma forma geral as expectativas sinalizam crescimento acima de 2% para a economia brasileira em 2025. O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial estimam alta de 2,4% para o PIB Brasil. Para a economia mundial a estimativa do FMI é de crescimento de 3,2% .



Fonte: FMI, Banco Mundial, Banco Central, OCDE e Secretaria de Política Econômica (SPE), Ministério da Fazenda.

Já a Pesquisa Focus, do Banco Central, estima que o PIB Brasil crescerá 2,16% em 2025. Mas para 2026, 2027 e 2028 as altas esperadas são de 1,78%, 1,90% e 2,0%, respectivamente. Importante destacar que a política monetária restritiva, com a taxa Selic em alto patamar, e as incertezas fiscais, podem ser considerados fatores de limitação para um crescimento mais sustentado da economia nacional.

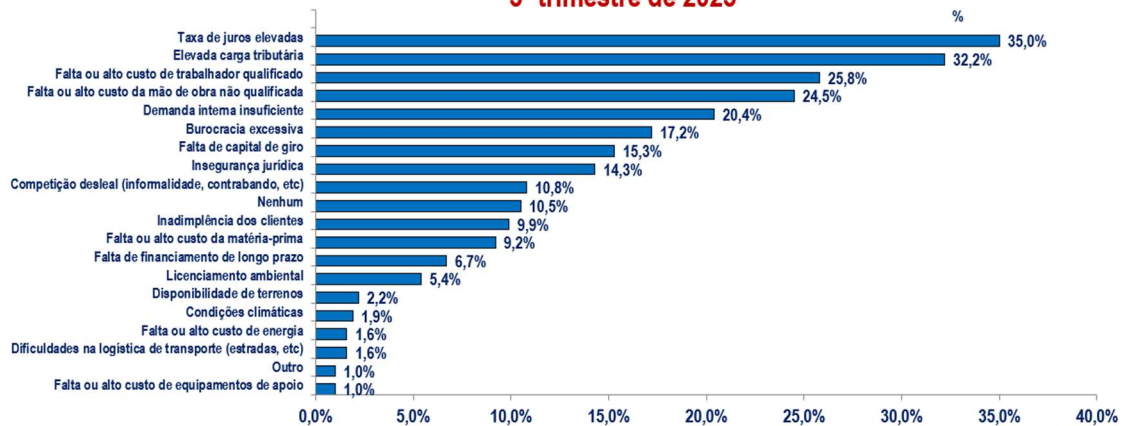
Os dados do novo Caged, divulgados pelo Ministério do Trabalho, seguem demonstrando a resiliência do mercado de trabalho nacional, com a geração de 1,716 milhão de novos empregos com carteira assinada, no conjunto de todas as atividades, nos primeiros nove meses de 2025. O resultado, mesmo sendo muito positivo, é 13,96% inferior ao observado em iguais meses do ano 2024.



Fonte: Dados 2020 a 2025 - Novo Caged, Ministério do Trabalho.
Obs.: Saldos com ajustes.

Conforme a Sondagem Indústria da Construção, realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), com o apoio da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), desde o 3º trimestre de 2024, a taxa de juros elevada é considerada o principal problema do setor, na visão dos seus empresários.

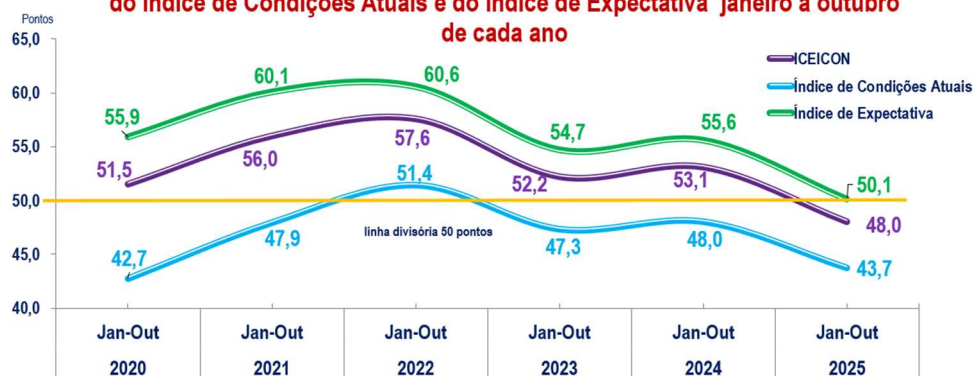
Principais problemas (em %) na indústria da Construção Civil 3º trimestre de 2025



Fonte: Sondagem da Indústria da Construção, 3º Trim/25 - Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Ainda conforme a referida Sondagem, a média do Índice de Confiança do empresário do setor, nos primeiros 10 meses de 2025, alcançou 48 pontos, enquanto em iguais meses do ano anterior ela atingiu 53,1 pontos. ¹ O indicador de condições atuais da economia, nesse período, registrou redução 4,3 pontos ao passar de 48 pontos (média de janeiro a outubro/24) para 43,7 pontos (média janeiro a outubro/25). O índice de expectativa também apresentou redução ao passar de 55,6 pontos para 50,1 pontos.

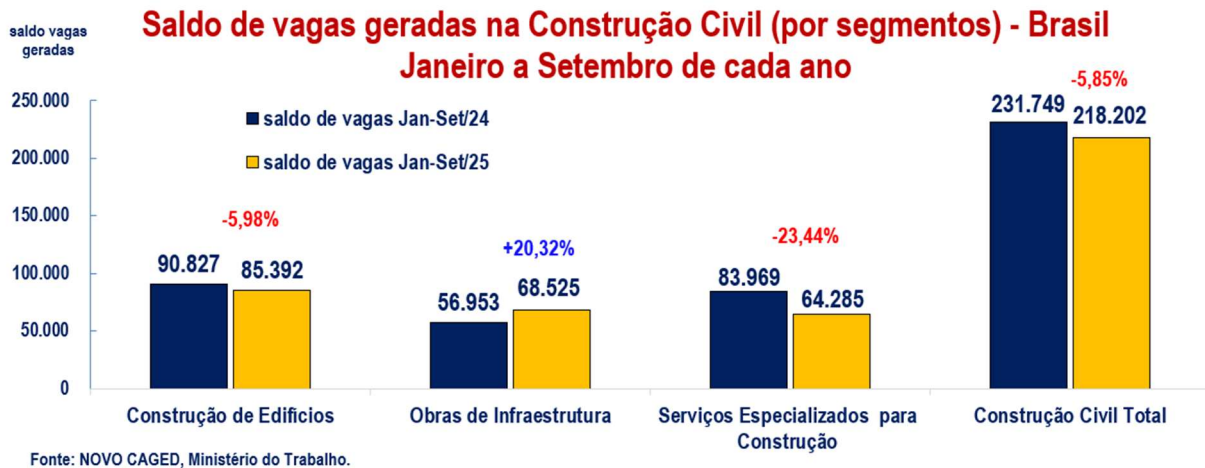
Evolução das médias do Índice de Confiança do Empresário da Construção, do Índice de Condições Atuais e do Índice de Expectativa janeiro a outubro de cada ano



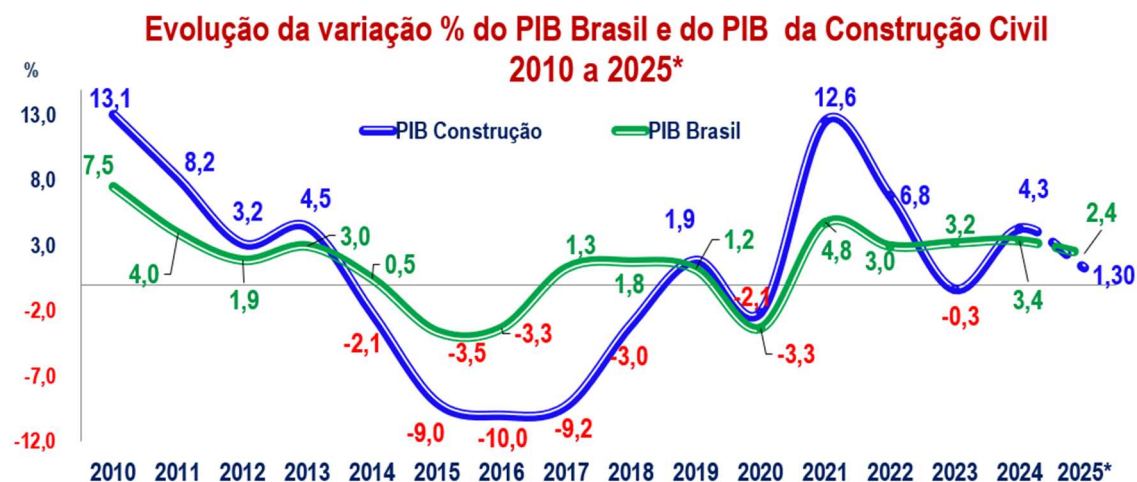
Fonte: Confederação Nacional da Indústria (CNI).

¹ Valores acima de 50 pontos indicam confiança do empresário. Valores abaixo de 50 pontos indicam falta de confiança do empresário. Quanto mais abaixo, ou quanto mais acima de 50 pontos, maior e mais disseminada está a confiança ou a sua falta.

A Construção gerou, de janeiro a setembro/25, 218.202 novos empregos com carteira assinada, resultado que é 5,85% inferior ao observado em iguais meses do ano 2024 (231.749). O segmento de Infraestrutura foi o único que registrou crescimento na criação de novos empregos nessa base de comparação. A Construção de Edifícios e os Serviços Especializados para a Construção também geraram novas vagas, mas em patamar inferior ao registrado em 2024.



Diante do cenário caracterizado pelos juros elevados, considerado o principal problema pelos empresários do setor há um ano, do menor dinamismo na produção de insumos típicos da Construção, do desempenho mais modesto do comércio varejista de materiais de construção, além da queda da confiança do empresário do setor, e da redução do seu nível de atividades, a CBIC reduziu a expectativa de crescimento da Construção em 2025 de 2,3% para 1,3%.



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - 2º Trimestre de 2025, IBGE.

* Variação do PIB Brasil referente ao ano 2025: Projeção do FMI (Out/25). Variação PIB Construção Civil para o ano 2025: Projeção CBIC (out/25).

Os juros altos limitam o maior incremento de atividades dos setores produtivos da economia, pois acabam por direcionar recursos para o mercado financeiro. Mas sempre é importante destacar que são os setores produtivos os maiores responsáveis pela geração de renda, riqueza e desenvolvimento do País.

Econ. Ieda Vasconcelos